

Realidade e representação na poesia de João Ricardo Lopes

reflexões à boca de cena de João Ricardo Lopes, quer pelo título quer por alguns dos seus elementos constitutivos, poder-nos-ia levar a considerar, segundo um olhar apressado e desatento, que estamos perante um livro de poesia tomando a dramaturgia como seu nó central e aglutinador. Contudo, na minha leitura, este aceno interpretativo é marca de uma ambiguidade procurada que irá funcionar como chave da real preocupação da obra, isto é, o território da teatralidade não é mais do que um pré-texto daquilo que ao poeta se impõe de modo insofismável - o ser humano enquanto actor social... com os seus desencantos, os seus rasgos de lucidez, as suas paixões.

Ao carácter abrupto do início da obra: *abre-se o pano e eles existem* (p. 8), segue-se um desfile de figurantes - qual curso atribulado e premonitório - que atravessa todo o palco-cidade onde somos chamados a estar: os que vociferam *de calças arregaçadas* (p. 8), *bobos e anões, cuspidores de fogo/ a meretriz das sardas...* (p. 12), *um borrachão com a língua de fora*, assim como *os cães vasculham a noite* (p. 28). De imediato me agradou esta concepção do labor poético que tão bem articula o esquadrinhar contínuo do *mundo interior*, que tem um dos seus pontos altos no poema *O actor olha-se ao espelho* (p. 70):

não esperes tanto por mim
não tenho futuro
como passado não tive.
belo talvez seja
porém cru
não menos que estátua
nem melhor do que areia.
como toda a criatura
o que sou não sou.
as mãos ardem-me de frio
e talvez esteja já morto
ou longe de mais.
não esperes tanto por mim
não sabes quem esperas

(Este belíssimo solilóquio traz para o *proscénio* um dos mais interessantes temas de reflexão sobre poesia: a relação do *eu* com o seu *duplo*) com um olhar atento e perscrutador do *mundo exterior* - veja-se, por exemplo, um excerto do poema “no centro do palco” (p 56):

no centro do palco as lâmpadas e os adereços
descascam amorosamente batatas
limpam o ranho à filhota das tranças
a plateia está absoluta no encalço da cena
só respiração e alguma tosse medindo
a qualidade de representação.

(...)

uma diversão a vida, um estaleiro de pequenos poemas
(e quem precisa dos enormes?), uma pantomina.
e no fim as palmas, as palmas abundantes
o aceno imprescindível da multidão (sê-lo-á?)
bravos, euforia, teatro delicado
é isto a vida, isto sim, a poesia

Este equilíbrio, este subtil - e arguto - doseamento do *interno* e do *externo*, este relacionar que adquire mesmo foros de miscigenação, é, no meu entender, um dos pontos altos da voz poética de João Ricardo Lopes: viver é estar num palco de múltiplos cenários, viver é representar dados papéis repletos de conflitos (não só inter-papeis, mas também intrapapel!), viver é esta incessante procura de um *Equilíbrio Instável* (tomando agora de empréstimo - assumidamente - o título da peça de Edward Albee, que Tony Richardson passaria exemplarmente para o cinema com a mítica Katharine Hepburn), equilíbrio entre o *dentro* e o *fora* de nós, mas viver é, acima de tudo, a lucidez e a fidelidade: a nós próprios, aos que nos amam (porque no esboroado palco do hoje já só esses contam!), ao indizível milagre de estarmos vivos neste espaço que nos foi concedido e de que urge cuidar. Quanto ao *exterior*, ele irrompe em vários poemas deste livro:

(...)

este circo engraçado, colorido, oco por dentro
tanto como por fora - frágil sim, como na moleirinha
dos teus sonhos

(p. 10)

(...)

há entre nós esta cidade inteira
esta lâmina de silêncio que nos
atravessa ao meio...

(p. 30)

Este estado de alma do sujeito poético, que é simultaneamente desorientação e vontade de resistir, perpassa toda a obra unindo-se a uma dicotomia que o autor expressa nas mais diversas situações - *a escuridão* e *a luminosidade*:

com a boca às escuras, a minha saudade
ela apenas, escuta-a, escuta-a só

(p. 20)

A noite é para não dizer nada.

(p. 42)

é na sombra a mais possível das germinações
na penumbra, no poema
na esquina obscura de todo o palco

(p. 74)

Interessante é também o facto de João Ricardo Lopes não conceder à referida *luminosidade* nenhum estatuto redentor, antes pelo contrário: toda a emergência do possível encontra-se constante e ininterruptamente ameaçada:

"ruído"

tudo o que disse não disse.
luzes negrentas cevando os olhos
como se cedo fosse já tão tarde.
uma janela declina sobre nós
a pálpebra rude e silenciosa.
que tenha valido a pena. Tudo

(p 46)

Frente à lucidez com que se observa o palco e cujas variáveis nos têm sido mostradas, e fundamentadas, nas últimas décadas; frente a esta representação fétida e de mau gosto esventrada à saciedade por vários autores: o vazio e o consumismo (por Baudrillard, Lipovetsky, etc.), a ganância e a perversa manipulação do outro, apenas para que a gratuita exibição de poder conste (por Singer, Hirigoyen, etc.), enfim, frente a uma cidade esfacelada e à deriva, o eu poético resgata a ousadia da espera e da reinvenção:

"Alquimicamente"

também eu possuo uma retorta enganadora.
transformar em ouro o teu coração de pedra
nunca foi fácil e o fracasso sacode-me o sono em
estremeções desalmados, sou eu quem te
chama e há um caminho de árvores entre nós.
és longínqua e ris de cada vez que me explode
a decepção e eu juro acabar assim, esfarrapado
vencido e sem ti. mas o poema renasce e eu
renasço devagar. um coração de ouro é coisa de
que não se desiste. Nem até à loucura, nem até ela

(p 60)

João Ricardo Lopes coloca a sua escrita no seio desse paradigma que é o do sentir e ser do homem contemporâneo e acerca do qual tanto se tem escrito também nos últimos anos, veja-se. por

exemplo, "*Les uns avec les autres - Quand l'individualisme crée du lien*" de François de Singly. Nesta poesia estamos perante um lirismo que respira e traduz, não só temas que são de todos os tempos, mas também inquietações bem delineadas no hoje, aliás, e já que falei da obra de Singly, poderei acrescentar que a situação de desacerto com o mundo em que se encontra o eu poético é atenuada fortemente, mas jamais resolvida, pela presença da amada.

Contudo — e pormenor interessante — esta amada, tal como a *peça* do primeiro verso do livro, surge abruptamente; as suas aparições são sempre da ordem do contingente e do ameaçado (cf. P. 14, o poema que dá o nome ao livro); a amada traz consigo algo de salvífico, todavia é sempre de uma *salvação possível* de que se fala, jamais de uma *salvação necessária*: o poema "Ligústica" (p. 40) traduz de forma magistral esta carência, já que, apesar da amada ser tão bela, a noite não cessa de vigiar o poeta, de o procurar. Há, pois, uma falha essencial na *alma desta voz*, um espaço impregnado - e impregnável -, uma clareira onde todo o mundo poderia caber, mas de onde a sua poesia e a sua busca extravasam. Dizem os grandes estudiosos destes temas (e estou a lembrar-me dessa figura enorme que foi Martine Broda) que esta *busca fundamental (da Coisa) é a marca dos grandes poetas*, pois eu — qual eterno aprendiz como Sérgio! — encontrei-a nesta obra de João Ricardo Lopes. E não apenas isso: a extrema poeticidade deste livro e a pertinente acuidade com que se olha temas e subtemas acabam desembocando numa apurada estrutura concebida para enfatizar os intentos originários do autor: à permanência do palco, à sucessão dos actos, às intermináveis reflexões mesmo ali à *boca de cena*, terá corresponder a figura óbvia, e desalentadamente rotineira, da continuidade da peça. Por tudo isto, à medida que o livro de vai aproximando do seu fim, ele aproxima-se igualmente de um princípio - veja-se este excerto do penúltimo poema:

"Regressar"

regressar regressa-se de muita maneira
a casa, à noite, às vezes, nunca mais, para sempre.
mas igualmente a depois da casa, a nós próprios
ao toque da mobília, ao cheiro do sabonete
a outros tempos, à altura em que, a de novo agora
...
porque é assim a vida, porque infinita graça é a de
emendar a réplica, porque sim, porque assim é o
teatro do coração, porque redondo é o olhar
porque no fim é o princípio, porque, porque sim

(p. 104)

Neste vivenciar, simultaneamente usual e novo, de um quotidiano que, sendo de tantos, é também de todos, o contra-regra endereça-nos o derradeiro poema deste itinerário poético: “Prólogo” - é o último título da *representação*. Que prossiga, então, a *realidade*, essa miríade de cenas que vamos atravessando... e que inexoravelmente nos atravessam também.

Lisboa, 21 de Maio de 2011

Victor Oliveira Mateus